

Donald Trump afirma que Irã deveria se render

Teerã, por sua vez, responde que o conflito 'ainda nem começou'

/ ORIENTE MÉDIO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, minimizou ontem a capacidade militar do Irã e disse que o país deveria "hastear a bandeira branca". Teerã, por sua vez, aumentou o tom das ameaças diante da operação de Washington para escoltar navios no Estreito de Ormuz. A nova troca de farpas ocorre um dia após vários ataques na região colocarem o cessar-fogo em xeque. Os dois países travam uma disputa pelo controle da passagem marítima, por onde passava cerca de um quinto do petróleo comercializado no mundo.

"Sabemos perfeitamente que a continuidade da situação atual é insustentável para os EUA, enquanto nós ainda nem começamos", disse Mohamad Bagher Ghalibaf, chefe do Parlamento e o principal negociador do Irã, em uma mensagem na rede social X. Ele afirmou também que a "presença maligna" de forças americanas diminuirá na região.

Horas depois, Trump afirmou a repórteres no Salão Oval que o poder militar iraniano foi reduzido e que Teerã, nos bastidores, quer fechar um acordo, apesar de sua retórica agressiva em público. "Eles fazem jogos, mas vou dizer uma coisa: eles querem fazer um acordo. E quem não iria querer, quando seu poder militar praticamente desapareceu?", disse. O republicano também elogiou o bloqueio dos portos iranianos pelos



Presidente voltou a dizer que os iranianos querem um acordo

EUA e disse que a estratégia está "funcionando muito bem".

Já o secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth, disse a jornalistas mais cedo que a operação dos EUA para proteger navios comerciais é temporária, que Washington não está buscando um confronto e que a trégua com o Irã ainda está em vigor. Hegseth disse, no entanto, que "uma ação militar não está descartada, acrescentando que qualquer ataque iraniano provocará uma resposta devastadora".

A troca de ameaças seguiu, desta vez através da Guarda Revolucionária iraniana. Em um comunicado veiculado na TV estatal, a guarda prometeu uma "resposta firme" a navios que tentem passar pelo estreito por áreas que não sejam as delimitadas por Teerã.

"Alertamos todos os navios que planejam transitar pelo estreito

de Ormuz que a única passagem segura é o corredor previamente anunciado pelo Irã. Qualquer desvio de navios para outras rotas é perigoso e resultará em uma resposta firme da Marinha da Guarda Revolucionária iraniana", afirmou a força no comunicado.

Desde o início da guerra, o estreito está bloqueado por Teerã. A situação provocou um aumento expressivo do preço do petróleo. Para tentar pressionar o rival, Washington respondeu com um bloqueio aos portos iranianos. As tentativas de retomar as negociações fracassaram. Após uma primeira rodada infrutífera em Islamabad, novas etapas foram postergadas enquanto os dois lados se acusavam de dificultar a discussão. Nem Teerã, nem Washington, parecem dispostos a ceder em pontos que o outro lado interpreta como limites do debate.

EUA dizem estabilizar Ormuz com 'Projeto Liberdade'

Os Estados Unidos afirmaram ontem que já atuam para estabilizar a navegação no Estreito de Ormuz por meio do "Projeto Liberdade", uma missão temporária e distinta de outras operações militares na região, enquanto cobram maior engajamento internacional. As declarações foram feitas pelo secretário de Guerra, Pete Hegseth, e pelo chefe do Estado-Maior Conjunto, general Dan Caine, em coletiva no Pentágono.

Segundo Hegseth, a iniciativa é uma missão temporária e separada da Operação Fúria Épica. Ele ressaltou que Washington "não está procurando uma luta com o Irã", mas busca garantir a liberdade

de navegação em meio ao aumento das tensões. "Estamos estabilizando a situação, mas esperam que o mundo também se mobilize".

O secretário acusou Teerã de "assediar navios por tempo demais" na região e reafirmou que o país persa "não controla o Estreito de Ormuz". Ele acrescentou que a operação não exigirá a entrada de forças americanas em território, espaço aéreo ou águas iranianas. "Centenas de navios estão se alinhando para transitar pelo estreito", disse, destacando ainda que o bloqueio marítimo dos EUA a portos iranianos segue em vigor.

Caine, por sua vez, detalhou o cenário de segurança, afirman-

Governo iraniano nega autoria dos ataques aos Emirados Árabes Unidos

Um porta-voz do Quartel-General Central Khatam al-Anbiya, ligado à Guarda Revolucionária do Irã (IRGC, na sigla em inglês), negou que o país tenha realizado ataques recentes contra os Emirados Árabes Unidos e classificou como infundadas as acusações de Abu Dhabi.

"As Forças Armadas da República Islâmica do Irã não realizaram, nos últimos dias, qualquer operação com mísseis ou drones contra os Emirados Árabes Unidos", afirmou o representante em comunicado enviado via Telegram, acrescentando que, caso uma ação desse tipo tivesse ocorrido, teria sido anunciada "de forma clara e categórica".

No comunicado, o porta-voz também acusou os Emirados de servirem de base para forças estrangeiras. Segundo ele, o país "se tornou uma das principais bases dos americanos e sionistas", o que, na visão iraniana, contribui para a insegurança regional. O representante afirmou ainda que tais acusações contra o Irã não ajudam a melhorar o ambiente

internacional e acusou Abu Dhabi de agir contra os interesses do mundo islâmico ao cooperar com potências externas.

Apesar das críticas, o porta-voz disse que o Irã tem demonstrado contenção até agora por considerar "a segurança e o bem-estar" de muçulmanos que vivem nos Emirados. Ele reiterou o alerta de que Teerã dará uma resposta "contundente e que levará ao arrependimento" caso qualquer ação contra ilhas iranianas, portos ou costas do país parta do território emiradense.

Em relação ao conflito com os EUA, o presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, afirmou que as exigências dos americanos são "impossíveis e inalcançáveis" e criticou a combinação de pressão militar com expectativa de negociação. Em conversa telefônica com o primeiro-ministro designado do Iraque, Ali Faleh al-Zaidi, o líder iraniano disse que "o diálogo é possível se for conduzido de forma lógica", mas alertou que "ameaças e intimidação não levarão a lugar algum".

Zelensky critica 'cinismo absoluto' da Rússia após 5 mortos na Ucrânia

/ GUERRA DA UCRÂNIA

Ataques com drones e mísseis russos contra a rede elétrica da Ucrânia durante a noite de ontem deixaram ao menos cinco mortos e 39 feridos. A ofensiva ocorre menos de um dia antes de Kiev anunciar um cessar-fogo e três dias antes de Moscou prometer sua própria pausa nas hostilidades.

O presidente Volodymyr Zelensky chamou de "completo cinismo" por parte da Rússia ao lançar os ataques após anunciar um cessar-fogo unilateral para o fim da semana, período em que o país celebra o 81º aniversário da derrota da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial.

O Ministério da Defesa russo informou que pretendia interromper os combates na sexta-feira e no sábado, mas afirmou que reagirá caso a Ucrânia tente interferir nas celebrações do Dia da Vitória, comemorado anualmente em 9 de maio.

Zelensky respondeu que a Ucrânia passaria a observar

um cessar-fogo a partir do fim desta terça-feira e que reagirá de forma proporcional a qualquer ação russa. Ele não indicou prazo para o término da medida. "A Rússia poderia cessar fogo a qualquer momento, e isso acabaria com a guerra e com as nossas respostas", afirmou em publicação na rede social X. "A paz é necessária, e medidas concretas são necessárias para alcançá-la. A Ucrânia fará o mesmo."

A proposta segue um padrão já adotado por Moscou ao longo do conflito, com anúncios de cessar-fogo unilaterais em datas específicas, geralmente ligadas a feriados, como ocorreu recentemente na Páscoa Ortodoxa. Essas pausas, no entanto, não têm produzido efeitos concretos, em meio à forte desconfiança entre os dois lados, mais de quatro anos após o início da invasão em larga escala da Ucrânia pela Rússia. Esforços diplomáticos liderados pelos Estados Unidos para encerrar o conflito também não avançaram.